



Carlos Henriques posa apoiado nas belas Eventus Metis

Designada por SACC, Simulated Anechoic Cabinet Construction, a tecnologia patenteada de construção das caixas acústicas da Eventus consiste em simular uma mini-câmara anecóica no interior da coluna, evitando assim que esta contribua com «som próprio» para o resultado final. As paredes paralelas são o principal factor de existência de ondas estacionárias no interior das caixas acústicas. Quase todos os grandes construtores apresentam assim soluções alternativas: caixas redondas, elípticas, trapezoidais, em forma de quilha, de alaúde, etc.

Mas a Eventus Audio foi mais longe: com base em múltiplas peças irregulares, a partir das quais se constrói uma curiosa caixa acústica ondulada no exterior e com o tradicional padrão de protuberâncias em forma de cunha no interior que simulam as paredes de uma câmara anecóica, conseguiram eliminar os reflexos internos causadores de colorações e ressonâncias. Na audição, o efeito sente-se (ou melhor, não se sente) como uma total ausência de... caixa. A qualidade de construção assistida por computador é exemplar. Os suportes dedicados em madeira e metal completam esta bela escultura audiófila. As Eventus Audio Metis aliam forma e função, e são a consecução de um dos objectivos últimos do áudio: o casamento entre engenho e arte.

A beleza e as formas originais das Eventus Metis já me tinham impressionado no HighEnd Show, em Frankfurt, em 2003. Agora, com tempo para as olhar de frente e de lado, de as experimentar a frio e a quente, a impressão inicial saiu reforçada. Quando se

pensava que a Sonus Faber tinha atingido o limite na relação forma/função, utilizando as caixas como se de um instrumento musical se tratasse, eis que as paredes externas graciosamente onduladas e as ameaçadoras entranhas pontiagudas das Eventus Metis surgem como um novo tema de debate audiófilo: será a «ausência de caixa» uma mais valia acústica?

IMAGEM HOLOGRÁFICA. Às primeiras notas o equilíbrio tonal soa-nos estranho, em especial as vozes («slightly pinched», diria um crítico anglosaxónico). Será o cérebro a habituar-se à ausência de caixa?, pensei. Será que me faz falta o som da vibração da madeira? Tinha acabado de ouvir música nas gigantescas (por comparação) Martin Logan Odyssey acolitadas por um par de «subwoofers» MJ Acoustics Reference One, e sentia ainda falta de outra coisa: a última oitava. As Metis associam a ausência de colorações de caixa à ausência de graves profundos. A caixa acústica das Metis, que já de si é pequena, tem o volume interno ainda mais reduzido pelo «miolo» SACC e, apesar de ser uma «reflex» (saída do pórtico inferior exige a colocação elevada sobre bicos de aço), o pequeno diâmetro do woofer Morel de 14,5 cm não lhe permite descer muito abaixo dos 65Hz, embora o pórtico esteja sintonizado para os 31Hz, e fica à espera que a sala faça o resto. Com sinais de teste, a resposta é até razoavelmente linear acima dos 100Hz e com um ligeiro ênfase nos 7kHz. Com música, a crista harmónica das fundamentais de baixa frequência está lá, e permite-nos se-

A CÂMARA OCULTA

AS COLUNAS DE SOM SÃO TESTADAS EM LABORATÓRIO DENTRO DE CÂMARAS ANECÓICAS. A EVENTUS AUDIO FOI MAIS LONGE: COLOCOU A CÂMARA ANECÓICA DENTRO DA PRÓPRIA COLUNA...

guir com prazer as linhas de um contrabaixo ou o choro dolente de um violoncelo, assim como o impacte transitório dos metais e das percussões (notável velocidade de resposta). Mas eu gosto de cordas com um pouco mais de «caixa», passe a contradição; e dá-me gozo o corpo, impacte e violência visceral e telúrica própria da relação tumultuosa entre um ouvinte colocado no epicentro do fenómeno acústico e o ar da sala excitado pelos pedais de um órgão, a vibração dos grandes tímboles ou a mão esquerda de um pianista, tal como nos são proporcionadas por uma coluna de banda larga.

Colocá-las perto da parede traseira ajuda mas afecta a extraordinária precisão holográfica da imagem. Como ajuda colocar a boca dos pórticos reflex do lado de dentro do triângulo cujos vértices são as colunas e o ouvinte. Ou a solução mais radical de lhes associar os «subwoofers» das MJ Acoustics, que resolvem de imediato o problema, não sem corrermos o risco de perturbar a espantosa geometria da imagem estereofónica que, com as Metis a solo, parece ter sido desenhada com régua e esquadro a tinta da China em papel milimétrico, tal é a minúcia dos pormenores e o rigor da arquitectura do palco sonoro. O que me suscita o desejo de ouvir em breve as Phobos, o modelo-de-chão de três-vias da Eventus que responde com insustentável leveza à questão dos graves.

ACENDAM VELAS. O equilíbrio tonal das Metis soou-me assim em geral um pouco «puxado para cima» (será ainda a ausência de ressonâncias e colorações de caixa?), conferindo aos sons agudos um brilho de seda – literalmente, o tweeter Morel (lembra o Esotar) tem cúpula de seda – e uma presença nos registos médios altos que enfatiza a sensualidade sussurrante das sibilantes de Patricia Barber e me deu por vezes a sensação de estar a ouvir música com auscultadores abertos, tal a limpeza asséptica do som das Metis.

Se há uma coluna de som a pedir que a calem com um amplificador a válvulas é esta. Embora não sejam das mais eficientes (88dB 1w/1m), a impedância é benigna (6 Ohms) e o baixo factor de amortecimento da tecnologia de vácuo não constitui aqui problema. E, já agora, juntem-lhe um gira-discos analógico – a Interlux especializou-se nessa área.

As Eventus Audio Metis são inextinguíveis no «mapeamento» do palco sonoro, um verdadei-

ro exercício de cartografia de precisão. Não me refiro à «volumetria» do palco que é pouco expansivo; refiro-me ao posicionamento exacto de cada interveniente no seu espaço de acção que surge como que iluminado por um feixe laser individual. Os Americanos chamam a isto «pin-point-accuracy». Neste particular lembram uma versão menos musculada das famosas Wilson Watts (sem as Puppies).

PRIMEIRO ESTRANHA-SE... Quem não for capaz de resistir a tanto charme, para parafrasear Abrunhosa, tem de aprender a aceitar as limitações de potência das Metis na gama inferior do espectro áudio, isto se não quiser perder o espectáculo único a este nível da cenografia acústica e a catadupa de informação «atmosférica» que lhe está associada. As Eventus Audio Metis são amor à primeira vista mas não são amor à primeira audição. A ausência das colorações de caixa é um hábito que se adquire com o tempo: ao princípio estranha-se, depois entranha-se, diria Pessoa se as pudesse ouvir. Ao fim de um tempo, o som das outras colunas vai saber-lhe a «barra». Estas belas italianas associam os tons meridionais da madeira natural ao aço fino dos suportes, qual espada de samurai que corta em quatro partes sons já de si finos como cabelos, uma imagem que me foi suscitada pelo que ouvi e pela grelha de madeira (retire-a sempre para ouvir música) a lembrar uma máscara de Kendo.

Nunca a proverbial máxima audiófila «ouvir antes de comprar» fez tanto sentido. As Metis custam 2 100 euros (600 euros pelas bases) e Carlos Henriques, da Interlux (não é meu familiar), está pronto para lhe proporcionar também a si o prazer da descoberta na nova loja da Av. da Liberdade, 245, loja 8, em Lisboa. Para mais informações: 21 314 3804 ou interlux@mail.telepac.pt ■■

José Victor Henriques
www.hificlube.net